



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**KARLA ARAÚJO PINHEIRO DE HOLANDA**

**A RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E  
COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA NA LEITURA DE PALAVRAS  
DERIVADAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**João Pessoa  
2018**

KARLA ARAÚJO PINHEIRO DE HOLANDA

A RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E  
COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA NA LEITURA DE PALAVRAS  
DERIVADAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciada em  
Letras Português pela Universidade Federal da  
Paraíba, sob orientação do Professor Doutor  
José Ferrari Neto.

João Pessoa  
2018

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA)

P654r Pinheiro, Karla Araujo.

A RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E  
COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA NA LEITURA DE PALAVRAS  
DERIVADAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO / Karla Araujo Pinheiro. -

João Pessoa, 2018.

50 f. : il.

Orientação: José Ferrari Neto.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Morfologia, Consciência Morfológica, Leitura. I.

Neto, José Ferrari. II. Título.

UFPB/CCHLA

OUTUBRO DE 2018

KARLA ARAÚJO PINHEIRO DE HOLANDA

A RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E COMPETÊNCIA  
MORFOLÓGICA NA LEITURA DE PALAVRAS DERIVADAS EM PORTUGUÊS  
BRASILEIRO

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 26 de Outubro de 2018

**Banca Examinadora**

---

Professor Doutor José Ferrari Neto  
Instituição: UFPB  
Orientador

---

Professor Doutor Márcio Martins Leitão  
Instituição: UFPB  
Examinador

---

Professora Mestra Antônia Barros Gibson Simões  
Instituição: UFPB  
Examinadora

---

Professora Mestra Rita de Cássia Freire Vasconcelos  
Instituição: UPE  
Suplente

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao Senhor que me deu o propósito de ser quem sou. Em segundo lugar dedico ao meu marido, Hildeberto. Obrigada por me amar nos dias difíceis e ter paciência comigo. Você foi a melhor coisa que eu ganhei da vida. Te amo! Que vocês continuem a ser meu combustível de amor, porto e meu recomeço a cada dia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial a Deus, que me permitiu chegar até aqui com tanto esmero e amor. A Ele seja dada toda graça e honra por cada palavra escrita. Obrigada, Paizinho. O Senhor foi meu refúgio e minha rocha até quando eu não tinha consciência disto.

Ao meu marido, Hildeberto Holanda Alves Costa Filho, que me mostrou com tanto apreço o caminho da paciência e do construir dia após dia o futuro que se espera, que me deu coragem e por vezes me ajudou a ser a melhor parte de mim. Todo esforço que eu venha a fazer por nós é pouco perto do que Deus fez ao me dar você como marido. Que nossa família alegre o céu inteiro porque já o fez no meu coração.

Aos meus pais, Carlos Davidson Pinheiro e Maria da Paz, agradeço pelo dom da vida. Dos acertos e dos erros no percurso sei o quanto aprender a cada dia a ser pai e mãe cobrou de vocês dedicação, esforço e amor. Obrigada!

Ao meu orientador, educador e amigo José Ferrari Neto, que me ajudou a ir além do que eu acreditava ser capaz e me ajudou também a concluir mais uma etapa da vida com simplicidade e sabedoria! Serei eternamente grata por toda sua dedicação para comigo. Gratidão!

Aos meus professores, que por insistência e carinho viram em mim o que eu não fui capaz de ver sozinha. Muito obrigada! Principalmente a Carlos Davidson, José Ferrari, Márcio Leitão, Raquel Basílio, Alyere Farias, Ana Cláudia, Cirineu Cecote, Gustavo Estibalet, Mônica Mano e Maria Leonor, também devo a vocês meu amor pela linguística, pela ciência e pela educação. Vocês inspiraram minha caminhada e tornaram doce o caminho.

A minha querida filha Alice, que me ajudou a sonhar mais alto e me ensinou a amar de um jeito que eu não conhecia. Espero que você sinta orgulho da sua mãe aonde estiver, princesa!

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, agradeço por serem quem são, vocês me ensinam todos os dias formas de tentar! A Thaiza Laura, em especial, obrigada por acreditar em mim desde a inscrição do vestibular e me incentivar a ser minha essência.

A minha família, que vocês continuem a ser sempre suporte. Agradeço aos meus três avós, Chico Dantas, Josefa Dantas e Maria do Socorro pela presença e suporte ao longo desses anos. Aos meus sogros Hildeberto Holanda e Suely Alves, obrigada por me fazerem parte da família de vocês! Maria da Penha, obrigada pelo seu carinho ao longo desses anos! Aos meus amigos, gostaria de agradecer em especial a Marina Galvão, Carolina Leitão, Alana Carla, Diego Sousa, Mileide Martins, Cynthia Falcão, Beatriz Peixoto, Jullyane Glaicy,

Wanessa Moreira, Mônica Gomidez, Clara Pereira, Marciel Luz, Renata Rodrigues e Nathália Leite, vocês foram uma dádiva que o caminho trouxe e espero que saibam disso!

Agradeço! De coração e peito aberto, a todos que passaram pelo caminho e principalmente aos que permaneceram.

## RESUMO

Pinheiro, Karla Araújo (2018). *A Relação Entre Consciência Morfológica e Competência Morfológica na Leitura de Palavras Derivadas em Português Brasileiro*. 2018. 50 f. Monografia (Graduação) – Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

A consciência morfológica tem sido investigada a fim de encontrar evidências de seus efeitos sobre a leitura. O objetivo principal do presente estudo é investigar a relação da consciência morfológica, competência morfológica e leitura por meio de tarefas *on-line*. Para isto utilizamos uma tarefa de analogia de palavras (CF. JUSTI, 2009) e observamos a leitura de palavras derivadas por alunos universitários falantes do Português Brasileiro (PB), já que este apresenta uma maior correspondência entre ortografia e fonologia. Esta habilidade linguística requer do leitor um nível de integração mais claro entre consciência morfológica e competência morfológica. Os resultados indicam que a consciência morfológica e a competência morfológica são importantes para a leitura de palavras de morfologia mais complexa em PB e precisam de uma maior atenção dentro dos estudos linguísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Competência Morfológica, Consciência Morfológica, Morfologia, Processamento da Leitura

## ABSTRACT

Pinheiro, Karla Araújo (2018). *The Relation Between Morphological Awareness and Morphological competence in the Reading of Words Derived in Brazilian Portuguese*. 2018. 50 f. Monography (Graduation) – Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Morphological awareness has been investigated in order to find evidence of its effects on reading. The main objective of the present study is to investigate the relation of morphological awareness, morphological competence and reading through on-line tasks. For this we use a task of analogy of words (CF.JUSTI, 2009) and we observe the reading of derived words by university students who speak Brazilian Portuguese (PB), since it presents a greater correspondence between orthography and phonology. This linguistic ability requires the reader to have a clearer level of integration between morphological awareness and morphological competence. The results indicate that morphological awareness and morphological competence are important for the reading of words with more complex morphology in PB and need greater attention within linguistic studies.

**KEYWORDS:** Morphological Awareness, Morphologic Competition. Morphology, Reading Processing, Morphologic Competition.

## LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

<b>TABELA 1. DIFERENÇAS ENTRE CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>16</b>
<b>TABELA 2. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>17</b>
<b>TABELA 3. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>21</b>
<b>TABELA 4. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>23</b>
<b>TABELA 5. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADAS PELA COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>23</b>
<b>TABELA 6. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>24</b>
<b>TABELA 7. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>27</b>
<b>TABELA 8. DERIVAÇÃO NÃO LICENCIADA PELA COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA E COMPREENDIDA PELA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>27</b>
<b>FIGURA 1. PRIMEIRA PALAVRA APRESENTADA APÓS APERTAR A SETA PARA DIREITA.....</b>	<b>31</b>
<b>FIGURA 2. EXEMPLO DO PRIMEIRO PAR DE PALAVRAS DA TAREFA DE ANALOGIA DE PALAVRAS (CF.JUSTI, 2009).....</b>	<b>32</b>
<b>FIGURA 3. EXEMPLO DE DOIS PARES DE PALAVRAS QUE APARECERAM NA TELA DO NOTEBOOK NA TAREFA DE ANALOGIA DE PALAVRAS.....</b>	<b>32</b>
<b>FIGURA 4. OPÇÕES APRESENTADAS AO PARTICIPANTE APÓS A VISUALIZAÇÃO DOS DOIS PARES DE PALAVRAS.....</b>	<b>32</b>
<b>FIGURA 5. POSICIONAMENTO DOS ADESIVOS NO TECLADO REFERENTE AS OPÇÕES APRESENTADAS NA TELA DO NOTEBOOK.....</b>	<b>33</b>

<b>GRÁFICO 1. TEMPO DE LEITURA.....</b>	<b>34</b>
<b>TABELA 9. ANOVA COM EFEITO ALEATÓRIO.....</b>	<b>34</b>
<b>TABELA 10. AGRUPAMENTO (ALGORITMO DE SCOTT-KNOTT).....</b>	<b>35</b>
<b>GRÁFICO 2. TEMPO DE RESPOSTA.....</b>	<b>36</b>
<b>GRÁFICO 3. JULGAMENTOS.....</b>	<b>37</b>
<b>TABELA 11. TESTE QUI-QUADRADO DE HOMOGENEIDADE.....</b>	<b>37</b>
<b>TABELA 12. TESTE QUI-QUADRADO DE PROPORÇÃO – DUAS AMOSTRAS – GRAMATICAL X SEMI-GRAMATICAL.....</b>	<b>38</b>
<b>TABELA 13. RESULTADOS – TESTE DE QUI-QUADRADO DE PROPORÇÃO – DUAS AMOSTRAS – GRAMATICAL X AGRAMATICAL.....</b>	<b>38</b>
<b>TABELA 14. RESULTADOS – TESTE DE QUI-QUADRADO DE PROPORÇÃO – DUAS AMOSTRAS – AGRAMATICAL X SEMI-GRAMATICAL.....</b>	<b>39</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 OBJETIVOS.....</b>	<b>17</b>
1.1.1 <i>Gerais.....</i>	<i>17</i>
1.1.2 <i>Específicos.....</i>	<i>17</i>
<b>1.2 HIPÓTESES DE TRABALHO.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>18</b>
<b>1.4 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....</b>	<b>19</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 MORFOLOGIA E COMPETÊNCIA MORFOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E SUA RELAÇÃO COM A COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 A LEITURA.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3.1 <i>Leitura de Palavras Morfológicamente Complexas.....</i></b>	<b>26</b>
<b>3. ESTUDO EXPERIMENTAL.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 TAREFA DE ANALOGIA DE PALAVRAS (JUSTI, 2009).....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 EXPERIMENTO ON – LINE DA TAREFA DE ANALOGIA DE PALAVRAS (CF. JUSTI, 2009).....</b>	<b>29</b>
<b>a) <i>Variável Independente (Controladas) – Tipo de Analogias.....</i></b>	<b>29</b>
<b>b) <i>Variável Dependente.....</i></b>	<b>30</b>
<b>c) <i>Sujeitos.....</i></b>	<b>30</b>

<i>d) Estímulos</i> .....	30
<i>e) Procedimento</i> .....	31
<b>3.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	33
<b>4. CONCLUSÕES</b> .....	40
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	42
<b>ANEXOS</b> .....	46
<i>ANEXO A</i> – Itens treino da tarefa de Analogia de Palavras.....	47
<i>ANEXO B</i> – Itens experimentais da tarefa de Analogia de Palavras (CF. JUSTI, 2009).....	48
<b>APÊNDICE</b> .....	49
<i>APÊNDICE 1</i> – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	50

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura não se reduz à decodificação de representações gráficas. Igualmente, o processo de leitura também não reflete apenas o léxico mental do leitor ou sua velocidade de leitura. O ato de ler requer habilidades metalinguísticas (MOTA, 2009).<sup>1</sup> A ausência dessas habilidades leva a dificuldades na leitura. Deste modo, para que o processamento da leitura ocorra de forma consistente, existe a exigência do uso da consciência fonológica (BRYANT & BRADLEY, 1987; SNOWLING & HULME, 2005; WAGNER & TORGESEN, 1987), sintática (CORREA, 2004) e morfológica (CARLISLE, 1995; DESROCHERS, ROTH & LAI, 2008), que são os níveis sobre os quais se tem alguma habilidade metalinguística.

Existe na leitura uma rota que possibilita a aprendizagem satisfatória, que não leve o leitor a uma mera visão de símbolos linguísticos. A leitura deve ser vista como uma dinâmica processual e mental que envolve uma série de processos implícitos. Ao se tratar de leitura, precisamos ter em mente que, nos três campos da consciência mencionados, devemos observar que existem influências evidentes propagadas por cada um deles dentro do processo de aprendizado.

Assim, propõe-se no presente trabalho afunilar a perspectiva diante de um deles, a consciência morfológica. Ela tem sido descoberta a cada dia como rica e fundamental, apesar de pouco explorada.

A consciência morfológica é uma grande auxiliadora para o processo de leitura e escrita (CARLISLE, 1988, 1995, 2000) e a habilidade de desenvoltura desta nos leva a refletir sobre a estrutura morfológica, isto é, o morfema, a menor unidade linguística com significado próprio (CARLISLE, 1995).

É partindo deste ponto que conseguimos entender que seja na leitura ou escrita os morfemas são vistos de forma clara. O que acontece porque o processo de escrita ortográfica também representa as estruturas morfológicas das palavras que vão sendo lidas. A habilidade reflexiva sobre os morfemas está diretamente relacionada ao desempenho na compreensão e na leitura isolada de cada palavra (CARLISLE, 1995, 2000; CARLISLE & FLEMING, 2003).

Em Português Brasileiro, Mota (2008) e Oliveira & Justi (2017), por exemplo, têm se proposto a avaliar a contribuição efetiva da consciência morfológica. Nos processos de leitura, outros pesquisadores como Rispens, McBride-Chang e Reistma (2008) têm procurado observar a relação da consciência morfológica e as habilidades escritas de leitura. Todavia, seus estudos foram desenvolvidos em língua inglesa.

<sup>1</sup>Segundo Mota (2009) as habilidades metalinguísticas estão associadas ao desenvolvimento linguístico.

A relação entre a consciência morfológica e leitura, com base nestes trabalhos, aparece bem explicitada. Entretanto, existem aspectos da consciência morfológica que ainda precisam ser aclarados. Buscaremos explorar relações entre a competência morfológica e a consciência morfológica

. A competência morfológica é um constructo que abrange a consciência morfológica. Ao considerarmos a consciência morfológica, compreende-se que ela é capaz de perceber analogias, semelhanças morfológicas e outras relações estruturais que partem de um conjunto existente de palavras. Diferentemente, a competência morfológica é um sistema que gera palavras possíveis de acordo com a gramática da língua, ainda que estas sejam inexistentes. Em suma, a competência morfológica é capaz de criar palavras e verificar se as palavras geradas possuem gramaticalidade levando em conta a morfologia da língua.

Ao compararmos a competência morfológica e consciência morfológica, compreendemos que a consciência morfológica faz analogias com o léxico que já é sabido pelo falante, diferentemente da competência morfológica. Elas podem ser vistas como codependentes. Esta relação problematiza o desenvolvimento dos estudos diversas vezes por não ser explorado devidamente. Neste caso, se pesquisador quiser avaliar a consciência morfológica terá também que assumir o modelo de uma competência morfológica como subjacente.

A analogia de palavras em determinados casos viola a formação gramatical. A competência morfológica é, portanto, aquela que permite exceções que a consciência morfológica não consegue captar durante o processamento da leitura.

A consciência morfológica é uma habilidade reflexiva do falante sobre os morfemas de sua língua. Esse processo de reflexão norteia a percepção de palavras que possuem uma estrutura morfológica em comum, assim como analogias existentes, podendo perceber também os morfemas e muitas outros fatores contidos na estrutura interna da palavra. Entretanto, a competência morfológica é guiada pela intuição linguística. A competência linguística é a capacidade de refletir sobre a estrutura da gramática de uma língua. Assim, para haver reflexão por parte do falante sobre a estrutura morfológica é necessário ter um conhecimento da morfologia de sua língua. A competência morfológica e a consciência morfológica, embora coexistentes, devem ser vistas como partes complementares de nossa habilidade linguística de reconhecer a estrutura mórfica das palavras.

Neste trabalho o intuito é mostrar que a consciência morfológica está inserida na competência morfológica. Em suma, o falante, ao seguir sua consciência morfológica, usará a competência morfológica, mas isso não é possível para o processo inverso. O falante pode, portanto, apresentar algo em sua competência morfológica que seja relevante, mas que a

consciência morfológica dele não apresenta em um primeiro momento como fundamental dentro do processo de leitura.

Os trabalhos sobre a consciência morfológica em grande parte possuem em comum o uso de metodologias *off-line* (por exemplo JUSTI, 2009) em seu desenvolvimento. Sob a ótica da Psicolinguística Experimental, no entanto, é proposta a realização de tarefas de consciência morfológica em experimentos *on-line*. As dinâmicas metodológicas destes experimentos são capazes de aferir os processos cognitivos não somente no seu término, mas no momento em que estão ocorrendo na mente/cérebro (LEITÃO, 2015). As técnicas *on-line* possibilitam a captação das relações mais finas entre a consciência morfológica e a leitura.

Partindo disto, o trabalho aqui desenvolvido busca evidenciar a relações entre consciência morfológica, competência morfológica e leitura. Usamos palavras derivadas existentes no léxico do português brasileiro. A opção por palavras derivadas é pelo fato de existir uma complexidade mórfica em sua formação. A consciência morfológica tal qual a competência morfológica podem ser vistas como facilitadores na compreensão do processamento de palavras derivadas e torna efetiva a desenvoltura do leitor.

Assim, buscamos construir uma visão que faça uma interface direta com a linguística por meio de uma adaptação da tarefa de Analogia de Palavras (CF. JUSTI, 2009). Para realização do trabalho mediu-se o tempo de leitura de palavras derivadas bem como o papel da consciência morfológica e da competência morfológica visto que ambas são indicativas e preditivas das habilidades de leitura em palavras morfológicamente complexas.

**TABELA 1. DIFERENÇAS ENTRE CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA**

<b>CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA</b>	<b>COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA</b>
Permite apenas aproximações e analogias	Configuração estrutural de traços abstratos
Preocupação com a estrutura interna da palavra e seu caráter ortográfico, olhando para o que seja gramatical ou agramatical, nada além.	O processo de produção da palavra e as variabilidades e imprevisibilidades das relações semânticas (LOBATO, 2010) frente as estruturas das palavras.
Habilidade reflexiva que não consegue ir além da manipulação da estrutura interna da palavra.	Essência Paradigmática (LOBATO, 2010)
Se ocupa na percepção da existência de relações análogas, nas semelhanças morfológicas entre as palavras, mas ela só é capaz de ser efetiva quando faz essas relações partirem de um conjunto de palavras existentes	Pode ser estabelecida na interface da faculdade da linguagem (FL) com o sistema conceptual-intencional (C-I)(LOBATO, 2010)  Capacidade intuitiva do falante frente as suas habilidades linguísticas

<p>“[...] consciência da estrutura morfológica das palavras e a habilidade de refletir e manipular essa estrutura”(CARLISLE, 1995, p.194)</p>	<p>Processos que apesar das irregularidades são aceitáveis para os falantes</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração Própria

## 1. 1 OBJETIVOS

### 1. 1. 1 Gerais

- O objetivo geral da pesquisa é investigar a relação da consciência morfológica, competência morfológica e leitura por meio de tarefas *on-line*.

### 1. 1. 2 Específicos

- Verificar o tempo de leitura dos diferentes tipos de formações morfológicas;
- Observar qual o papel da consciência morfológica, somado a competência morfológica;
- Constatar a importância da competência morfológica dentro da consciência morfológica nos processos de leitura.

## 1. 2 HIPÓTESES DE TRABALHO

A competência morfológica abrange a consciência morfológica, mas se distingue dela. Isso faz com que as estruturas morfológicas passíveis de serem geradas pela competência morfológica nem sempre correspondam a julgamentos e análises feitas a partir da consciência morfológica. Fazendo necessário o uso de conhecimentos mais aprofundados sobre a gramática da língua e seus aspectos paradigmáticos.

A maneira como a gramática funciona acaba por se tornar em certos casos mais importante do que o refletir sobre ela. Reflexões feitas a partir da consciência morfológica podem definir estruturas como sendo análogas, embora sejam diferentes se forem consideradas através da óptica gramatical. Os dois pares de palavras mencionados na **TABELA 2** podem ser processadas pelo leitor como estruturas análogas diante da consciência morfológica. Se observadas pela consciência morfológica podem ser vistas como palavras sufixadas e possíveis pela sua representação morfofonológica correspondente. Tendo em vista que são analogias superficiais e referentes a estrutura interna das palavras.

### **TABELA 2. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA**

<b>BASE</b>	<b>DERIVAÇÃO</b>
<i>Estudar</i>	<i>Estudante</i>
<i>Restaurar</i>	<i>Restaurante</i>

Fonte: Elaboração Própria

Entretanto, ao se tratar de competência morfológica existe uma camada que não é captada pela consciência morfológica. A competência morfológica permite a compreensão do falante quanto ao fato de que *restaurante* não se refere a “*pessoa que restaura*”, mas ao “*local onde as pessoas se alimentam*”. Diferentemente, *estudante* se refere a “*pessoa que estuda*”. Em síntese, a competência dispõe de habilidades linguísticas que possibilitam a atuação da intuição.

Analogias, portanto, nem sempre são correspondentes ao que é licenciado pela gramática da língua. Assim, a competência morfológica passa a ser compreendida como algo mais abrangente. Ela abrange a consciência morfológica, mas o oposto não é possível.

A competência morfológica é capaz de revelar possibilidades que ultrapassam o que a consciência morfológica consegue captar, sendo responsável por um construto maior de significação. A competência morfológica consegue dar conta de aspectos que a consciência morfológica não conseguiria captar durante o processamento da leitura.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

A maior parte dos trabalhos desenvolvidos sobre a consciência morfológica são fundamentados no uso de experimentos *off-line* (JUSTI, 2009). Este, por sua vez, não abarca o momento reflexo do processamento, isto é, porque se propõe a outros objetivos.

O processamento *on-line* se apresenta quando já existe a intervenção de outros fatores. O uso do processamento *on-line* diante da pesquisa aqui desenvolvida tem como intuito apresentar de forma mais precisa a relação entre o conhecimento morfológico e leitura, contribuindo diretamente com os estudos da consciência morfológica como também os da leitura e da própria estrutura morfológica do português.

Além disso, a percepção da competência morfológica aponta para um processo que decorre do momento em que a leitura está ocorrendo. A leitura em processamento faz emergir ao leitor algo que ultrapassa os aspectos da estrutura interna das palavras.

A competência morfológica tende, portanto, a mostrar a linguística como base fundamental de desenvolvimento da capacidade (re)flexiva, ou seja, sem ela não existe o desenvolvimento da consciência morfológica. Compreender a importância das técnicas *on-line* para o estudo da competência morfológica acaba por corroborar a grande importância na

visualização da morfologia de forma independente dentro dos estudos da linguística.

#### **1. 4 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**

O trabalho foi organizado da seguinte forma: O primeiro capítulo é referente a aspectos introdutórios sobre a temática. Nele apresentou-se o objetivo geral, os objetivos específicos, as hipóteses, previsões e a justificativa.

No segundo capítulo, optou-se por fazer uma abordagem da fundamentação teórica de modo que se tornasse possível a compreensão das relações existentes entre morfologia e competência morfológica; consciência morfológica e competência morfológica, além dos processos de leitura e a leitura de palavras morfológicamente complexas.

O terceiro capítulo refere-se a metodologia da pesquisa aqui desenvolvida. Por conseguinte apresentamos uma adaptação da tarefa de analogia de palavras proposta por Justi (2009). Buscamos expor o experimento formatado e os resultados e discussões provindos da realização deste.

No quarto capítulo apresentaremos as considerações finais do trabalho e no capítulo cinco as referências. Os anexos deste trabalho fazem referência as palavras utilizadas no experimento tanto em sua fase de treino como também na de teste. O apêndice é referente ao documento utilizado para viabilizar a exposição e veracidade dos dados obtidos.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo foram expressos tópicos que dão base ao quadro teórico deste estudo. Buscamos dar ênfase para a morfologia, para a consciência morfológica e para a competência morfológica diretamente relacionadas ao processamento da leitura. Foi feita uma apresentação da leitura de palavras morfológicamente complexas derivadas em português brasileiro.

### 2.1 MORFOLOGIA E COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA

A morfologia, diferentemente do estudo da sintaxe e fonologia, acabou por ocupar um espaço menor dentro dos desenvolvimentos das pesquisas linguísticas, embora sem se tornar menos importante. Ela busca um vínculo claro com a estrutura interna da palavra indo ao encontro direto dos constituintes morfológicos e dos processos de variação e formação de palavras.

Segundo Villalva (2007) a morfologia é vista pela linguística como algo que se dedica apenas ao conhecimento de uma forma específica, a palavra. Entretanto, a mesma também diz que a morfologia se relaciona a palavra na dimensão da sua forma, funcionalidade e significação.

A morfologia engloba além da dimensão que se refere a formas lexicalizadas e adentra ao caráter dos processos produtivos (BAUER, 1983). Ela desempenha diante do processo de formação a reflexão do significado dentro das menores unidades linguísticas alcançando a estrutura em sua complexidade de formação.

A morfologia pode ser dividida, no estudo da linguística, em duas vertentes, segundo Villalva (2007). Ela pode se ocupar da análise da estrutura interna da palavra ou da descrição dos processos morfológicos de formação de novas palavras.

A morfologia busca compreender a palavra quanto estrutura, com formas analisáveis quando expostas em unidades menores (VILLALVA, 2007). Em suma, ela usa como objeto de estudo o *morfema*, a menor unidade significativa da palavra (ROCHA, 2008).

O morfema é, segundo Lyons e Matheus (1974) “*uma abstração que envolve significados e possibilidades combinatórias*”(CARONE, 1991, p.23). O nível de abstração cabível ao estudo da morfologia pode levar a compreensão de que a interpretação das palavras pode ser afetada em várias dimensões, seja em forma, propriedades gramaticais ou na própria conjugação (VILLALVA, 2007).

O morfema, assim como a morfologia é um componente que se relaciona a competência morfológica. Esta tem grande importância dentro dos processos de leitura. A competência morfológica pode ser vista como termo de configuração estrutural de traços abstratos. Ela pode ser estabelecida na interface da faculdade da linguagem (FL) com o

sistema conceptual- intencional (C-I) (LOBATO, 2010).

O que a competência morfológica explicita é que existem processos que, apesar das suas irregularidades, são aceitáveis para os falantes. A exemplo, comparamos dois pares de palavras que são apresentados na TABELA 3. O verbo “*fundir*” apresenta-se na forma substantivada como “*fundição*” e segundo Rocha (2003) tem por designação o “Ato de fundir” ou “Processo utilizado para fundir metais”. Por Analogia, difere do verbo “*agredir*” que, em sua forma substantivada, rente ao primeiro verbo mencionado, pode se apresentar pelo falante como “*agredissão*”. A palavra se apresenta de modo agramatical, porém compreensível pelo falante. Assim, o que justifica a permissividade de uma forma agramatical é na verdade a capacidade intuitiva do falante frente a suas habilidades linguísticas.

**TABELA 3. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA**

<b>BASE</b>	<b>DERIVAÇÃO</b>
<i>Fundir</i>	<i>Fundição</i>
<i>Agredir</i>	* <i>Agredissão</i>

Fonte: Elaboração Própria

Em suma, a competência morfológica é capaz de compreender a analogia existente entre “*fundição*” e “*agredissão*”, porque seu foco é o processo de produção da palavra. A consciência morfológica, entretanto, consideraria apenas o teor gramatical existente entre as palavras e ocupar-se-ia em apresentar bases para o falante compreender a estrutura interna da palavra e definir o substantivo como “*agressão*” e não como “*agredissão*”.

O autor Bloomfield (1993) define que “*cada morfema é uma irregularidade*” o que corrobora com o que é explicitado anteriormente por Lyons (1974). Os processos produtivos são irregulares porque são provenientes estruturados diante do léxico mental do leitor e suas habilidades linguísticas, sendo elas envoltas pelos pragmatismos individuais.

Assim, a ideia central sobre a competência morfológica se relaciona a habilidades que o leitor venha a ter diante das estruturas morfológicas de modo que consiga não só criar estruturas linguisticamente coerentes, mas também compreendê-las. O leitor passa a compreender além das funcionalidades sintáticas, entretanto compreende que estruturas morfológicas possuem em si uma essência paradigmática.

A competência morfológica considera os processos produtivos. Ela também considera as variabilidades e imprevisibilidades das relações semânticas (LOBATO, 2010) frente as estruturas das palavras.

Assim, compreende-se que existem lacunas no léxico do leitor que são preenchidas segundo o que afirma o linguista Noam Chomsky (1970) através de irregularidades e idiosincrasias. Essa tentativa de preenchimento recorre a justificativa do que Lobato (2010) afirma ao dizer que as palavras possuem uma essência paradigmática.

A competência morfológica se justifica por sua flexibilidade dentro dos processos produtivos, isto porque se utiliza da logicidade sistematizada.

Assim, compreender a relação existe entre morfologia e competência morfológica possibilita ao leitor uma ressignificação do processo reflexivo diante da palavra e adentra ao caráter linguístico de tal modo que o faz perceber que a língua não é simplesmente um sistema rígido em sua significação, mas que se molda diante da percepção e funcionalidade cabível diante dos processos subjacentes de produção da linguagem.

## 2. 2 CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E SUA RELAÇÃO COM A COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA

Ao se tratar de consciência morfológica o conceito formulado por Carlisle (1995) apresenta-se como a “[...] consciência da estrutura morfológica das palavras e a habilidade de refletir e manipular essa estrutura”(CARLISLE, 1995,p.194).

A consciência morfológica se ocupa na percepção da existência de relações análogas, nas semelhanças morfológicas entre as palavras, mas ela só é capaz de ser efetiva quando faz essas relações partirem de um conjunto de palavras existentes.

A consciência morfológica se relaciona diretamente a habilidade de percepção diante da união entre palavras o que permite uma alteração no sentido consoante a empregabilidade (BARBOSA, 2015). Em suma, é ter conhecimento da morfologia e realizar diferentes atividades considerando a habilidade reflexiva.

De modo inicial, a consciência morfológica foi vista de forma dependente dentro do processo de leitura, isto é, secundário e derivado da consciência fonológica (FOWLER & LIBERMAN, 1995). Entretanto, estudos recentes defendem a independência da consciência morfológica na leitura (DEACON & KIRBY, 2004) e buscam mostrar a importância de olhar a morfologia de forma autônoma (ROCHA, 2008).

A consciência morfológica se vincula a habilidade reflexiva, mas não vai além da manipulação da estrutura interna da palavra. A exemplo a **TABELA 4.** explicita que a consciência morfológica reconheceria a analogia entre *mensalão* e *petrolão*, mas ela não conseguiria explicar os processos que levaram a construção dessas palavras.

**TABELA 4. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA**

ANALOGIA	
<i>Mensalão</i>	<i>Petrolão</i>

Fonte: Elaboração Própria

A habilidade de compreender e explicar os processos produtivos das palavras da **TABELA 4** é o alvo da competência morfológica. Esta atua sobre a morfologia e consiste em uma ressignificação da formação da palavra, dando a ela um caráter linguístico.

A atuação da competência morfológica se direciona a construir de forma inovadora a palavra, cabendo a ela a habilidade de gerar novas palavras, como, por exemplo, *mensalão*.

A competência morfológica engloba em si a consciência morfológica, mas apresenta diferenças evidentes em sua formação. A competência morfológica aponta para uma *base* que apresenta condições ideais de produtividade, que mesmo que seja um item lexical possível não é um produto concreto e real da língua (ROCHA, 2010).

A competência morfológica torna possível ao leitor fazer uma analogia entre os dois pares de palavras a seguir. A relação entre as palavras *lavar* e *lavável* apresenta uma viabilidade gramatical. A palavra base (*lavar*) é um verbo e a palavra que deriva (*lavável*) deste verbo tem uma terminação previsível dentro das normas gramaticais, isto é, o “*avel*”.

Em suma, o “*avel*” só pode ser anexado a bases verbais e nunca bases nominais. A esta capacidade leitora de ver os aspectos gramaticais dar-se-á o nome de competência morfológica. A competência morfológica tornaria possível a relação entre *voar* e *\*voável* porque este par de palavras também se enquadra em um princípio gramatical, embora a palavra derivada (*\*voável*) seja inexistente (verificar **TABELA 5**).

**TABELA 5. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADAS PELA COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA**

BASE	DERIVADA
<i>Lavar</i>	<i>Lavável</i>
<i>Voar</i>	<i>*Voável</i>

Fonte: Elaboração Própria

A consciência morfológica difere da competência morfológica porque consegue relacionar palavras como *lavável* e *\*canetável*. A consciência morfológica pode chegar a afirmar que existe uma analogia entre elas. Isto porque, pela terminação das palavras apresentadas, a relação feita pelo falante tende a ser estrutural e nada além.

A consciência morfológica não consegue justificar a gramaticalidade (*lavável*)

ou agramaticalidade (\*canetável) das palavras (a exemplo verificar a **TABELA 6**). A consciência morfológica se atem a afirmar que existe uma relação entre as duas palavras pela sua significação interna. Em síntese, ela não permite que existam análises sobre a gramaticalidade da estrutura morfológica. A consciência morfológica possibilita apenas aproximações e analogias.

**TABELA 6. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA**

<b>BASE</b>	<b>DERIVADA</b>
<i>Lavar</i>	<i>Lavável</i>
<i>Caneta</i>	<i>*Canetável</i>

Fonte: Elaboração Própria

Ao observar o segundo par de palavras (*caneta e canetável*), a base é um substantivo, o que por consequência inviabiliza gramaticalmente a terminação “*avel*” da palavra que dela deriva. A construção da palavra *\*canetável*, é portanto, incompreendida pela competência morfológica do leitor por não ser uma construção real da língua brasileira.

Deste modo, o que conceitua a consciência morfológica é a preocupação tão somente com as restrições das condições de produção de palavras. Isto é, sua preocupação recai sobre a estrutura interna da palavra e seu caráter ortográfico, olhando para o que seja gramatical ou agramatical.

A competência morfológica apresenta irregularidades e idiossincrasias (ROCHA, 2010). Ela desvia da regra, da formação cristalizada do português e se molda a aspectos fonológicos, morfológicos ou semânticos. Em suma, a competência morfológica permite ao leitor a percepção da viabilidade de palavras como *\*voável*, mas ignora a viabilidade de *\*canetável* por seu processo de formação ilógico.

O que é acrescido a competência morfológica é algo que por vezes passa sem maiores percepções pela consciência morfológica. A competência morfológica se relaciona de forma diretiva a condições de produtividade, que são, segundo Basílio (1990), distintas das condições de produção e dependem de fatores de ordem pragmáticas, discursivas e paradigmáticas.

Assim, o conceito de consciência morfológica acaba por ser relacionado as condições de produção, isto é, uma regra que opera sobre bases especificadas para produzir construções morfológicamente possíveis (BASÍLIO, 1990) dentro da gramática.

Consideramos, assim, que a competência morfológica e a consciência morfológica atuam dentro dos processos produtivos e na leitura de forma colaborativa. A

colaboração entre elas permite ao leitor visualizações sobre as palavras de forma linguística e estrutural, embora tais percepções ocorram em momentos distintos do processamento.

### 2.3 A LEITURA

A leitura é um processo que utiliza o reconhecimento das palavras como base e tal ação possibilita os processos subsequentes (SNOWLING & HULME, 2013). O ato de ler requer do leitor o processamento de informações e também a habilidade de transformar escrita em fala ou significado (COLTHEART, 2013).

Os significados alcançados durante o processamento da leitura podem se ater a diferentes níveis de compreensão. Isto porque o processo de reconhecimento das palavras, quando não funciona de forma fluente e eficaz, torna a leitura ineficiente e incompreensível para o leitor (SNOWLING & HULME, 2013).

A competência linguística do leitor frente ao ato de ler e a formação do que a ele se apresenta como objeto de leitura pode viabilizar ou dificultar o processamento. Segundo, Snowling & Hulme (2013) compreende-se que as palavras que são mais familiares podem ser reconhecidas com maior facilidade e em um menor período de tempo, diferentemente, segundo o autor, das palavras menos familiares. O reconhecimento de palavras passa pela influência do que foi apresentado anteriormente a ela (SNOWLING & HULME, 2013)

A leitura, segundo o que defende Snowling & Hulme (2013) “envolve procurar uma palavra em um léxico mental que contém conhecimento sobre as grafias e pronúncias de sequência de letras que formam palavras reais (e, assim, presentes no léxico)” (SNOWLING & HULME, 2013, p. 27). Isto é, utilizando do nível de consciência linguística que o leitor tem sobre a sua própria língua, é possível definir algo como gramatical ou agramatical.

A habilidade perceptiva frente a palavra e a possibilidade de classificação desta como gramatical ou agramatical é proveniente de parâmetros que transcendem as regras ortográficas, mas adentra aos processos produtivos de tal forma que vislumbra o caráter paradigmático existente nas palavras como formas de representação.

Coltheart (1980) também defende que a leitura pode envolver uma vertente não lexical quando afirma que mesmo que não exista referência ao léxico mental do leitor, pode haver um uso de regras que seja relacionado a segmentos da ortografia. Em suma, a competência linguística do leitor permite gerar novas palavras através de padrões perceptivos frente a aspectos pragmáticos, considerando as possibilidades que são parametrizadas pela língua do falante.

O que se pode aferir a partir dessas vertentes a “lexical” e a “não lexical”, é que não há e não pode haver uma base comum construída sobre o princípio da autonomia entre elas. O processamento das informações é equitativo. Lupker (2013) afirma que não pode

existir uma representação mental para uma palavra caso ela não influencie o processamento de informações.

A representação mental das palavras deve ser acessada até que se conheça a identidade de cada uma. O que reafirmar a viabilidade da competência morfológica antecede a consciência morfológica, mas que ambas são codependentes no seu teor de ativação.

No caso, a leitura pode ser vista também segundo Baron & Strawson (1976), isto é, vislumbrando mecanismos ortográficos que fazem uso de ralações gerais e produtivas entre uma padronização já existente entre letras e sons.

Existe no ser humano a capacidade de reconhecimento sobre as estruturas de forma geral. Contudo não se pode esquecer de mencionar que também se busca alcançar os mecanismos lexicais dentro do processamento do leitor. O mecanismo lexical se baseia no conhecimento específico de pronúncias de determinadas palavras ou morfemas, um léxico de pronúncias (ou significados) (BARON & STRAWSON, 1976).

A percepção do leitor frente a estrutura das palavras segundo Carlisle (1995; 2000) e Carlisle & Fleming (2003) pode influenciar o desempenho na leitura e compreensão, visto que está é diretamente relacionada à habilidade reflexiva diante dos morfemas.

### **2. 3. 1 Leitura de Palavras Morfollogicamente Complexas**

Ao estudar a estrutura morfológica das palavras, afirma-se o que Villalva (2009) apresenta. A autora diferencia as estruturas morfológicas entre simples e complexas. As palavras morfollogicamente complexas, utilizadas como alvo deste estudo, são compostas por duas ou mais raízes.

As palavras complexas podem ser formadas através de composição ou derivação. As palavras morfollogicamente complexas apresentam na sua formação pelo menos uma base, que contém a significação principal da palavra, e um afixo, sendo este capaz de alterar o significado da base.

As palavras complexas derivadas são alvo do estudo aqui desenvolvido. Isto porque palavras derivadas no português brasileiro não apresentam regras claras na sua formação. Elas só podem ser feitas de maneira coerente quando existe por parte do leitor conhecimentos prévios sobre as regras de formação. Isto é, embora tenha restrições quanto regras de composição, possibilita que palavras novas sejam geradas através de processos de aferência a outras palavras já conhecidas pelo leitor.

A derivação é, segundo Justi (2009) um dos processos mais produtivos de formação de palavras no português. Isto porque é um processo de formação que apresenta a riqueza e a diversidade da língua portuguesa, sendo, por consequência, o mais acionado pelos falantes (ROCHA, 2008).

Formar palavras por derivação consiste em uma série de processos de neologismos. Segundo Alves (1990, p. 5) “o neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos”. Estes processos de formação de palavras devem ser tidos como fatores que são provenientes da própria língua.

A derivação sufixal, segundo Rocha (2008, p.103) “pode ser caracterizada como um tipo de derivação que consiste na anexação de um sufixo a uma base.” Consideramos que seja sempre levada em conta uma regra para que a formação da palavra seja constituída, buscando estabelecer uma relação entre a base que forma a palavra e seu respectivo produto.

Uma regra de formação pode ser produtiva ou improdutiva. A exemplo a **TABELA 7**, que apresenta palavras como *pescar* e *pescador* com uma relação baseada em uma regra e formadas a partir delas. A regra que ocasiona a relação entre estas palavras, possibilita ao leitor visualizar uma relação entre *apertar* e *apertador*, mesmo que esta segunda palavra seja agramatical. Isto se deve ao fato de que as palavras são, na verdade, fruto de uma regra e sua aplicação é paradigmática.

**TABELA 7. ANALOGIA DE PALAVRAS LICENCIADA PELA COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA**

<b>BASE</b>	<b>DERIVADA</b>
<i>Pescar</i>	<i>Pescador</i>
<i>Apertar</i>	<i>*Apertador</i>

Fonte: Elaboração Própria

Palavras como *apertar* e *apertador* seguem regras produtivas. São possíveis diante das regras, embora, agramaticais. A exemplo das palavras que não seguem uma sistematicidade tem-se a **TABELA 8**. As palavras apresentadas são *copo* e *copável*, sendo a derivação agramatical e sem uma regra de formação.

**TABELA 8. DERIVAÇÃO NÃO LICENCIADA PELA COMPETÊNCIA MORFOLÓGICA E COMPREENDIDA PELA CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA**

<b>BASE</b>	<b>DERIVADA</b>
<i>Copo</i>	<i>*Copável</i>

Fonte: Elaboração Própria

### 3. ESTUDO EXPERIMENTAL

No presente estudo, iremos nos pautar na metodologia da Psicolinguística Experimental a fim de buscar respostas que são baseadas no processamento *on-line*; conseguindo obter conseqüentemente respostas que apresentam aspectos automatizados e inconscientes na mente/ cérebro do falante.

Para tanto, adaptou-se a tarefa de Analogia de Palavras (JUSTI, 2009). No experimento buscou-se evidenciar que as palavras bem formadas são percebidas como tais e provavelmente requerem um tempo de leitura menor.

Assim, quando a palavra é bem formada, mas gera uma palavra possível não existente no português brasileiro, o tempo de leitura tende a ser maior em relação às primeiras mencionadas (as palavras da condição gramatical). O intuito é reforçar o tempo de leitura como sendo uma medida *on-line*.

Buscamos demonstrar que as palavras agramaticais têm os seus tempos de leitura aumentados porque tanto a consciência morfológica quanto a competência morfológica passam a atuar, mesmo que para negar o licenciamento destas palavras.

Concluimos que a consciência morfológica, diante da coerência da formação morfológica e do conhecimento do falante em prol das estruturas morfológicas, torna possível o processamento da leitura de forma rápida e efetiva. A consciência morfológica apesar de não identificar determinadas palavras, ao passar pelo crivo da competência morfológica tende a licenciar a leitura porque ela é gramatical. Porém quando ambas não reconhecem a estrutura, e ela se apresenta com agramaticalidade o tempo de leitura acaba por ser dobrado. Considerando que a agramaticalidade se refere, neste caso, também a não existência dos processos de formação.

A tarefa realizada pelos participantes encontra-se no **ANEXO B**. Foi construída através do programa computacional *Paradigm* e se apresentou aos participantes através do *Paradigm Player*. Os itens das tarefas envolveram diferentes relações diante da estrutura da palavra. Ressaltamos que antes da sessão experimental em questão os sujeitos efetivaram uma etapa de treinamento, a qual se encontra no Apêndice A. Durante o período de treinamento tiveram acesso a instruções orais e ortográficas e foram devidamente informados de que a tarefa de treinamento seria igualmente reproduzida sobre o teste.

#### 3.1 TAREFA DE ANALOGIA DE PALAVRAS (JUSTI, 2009)

A tarefa de Analogia de Palavras proposta por Justí (2009) teve como intuito avaliar a consciência morfológica do leitor. A tarefa de Analogia Gramatical Clássica se baseia na proposta desenvolvida por Nunes, Bryant e Bindman (1997). Os sujeitos que

realizam a tarefa tem por objetivo produzir uma palavra para completar um par, isto é, fazendo uma analogia gramatical entre um par de palavras que foi dado previamente.

No presente estudo, entretanto, buscaremos fazer uma adaptação do que foi proposto por Justi (2009) em uma versão *on-line*. A tarefa de Analogia de Palavras requer uma capacidade de reconhecimento e complementação através do uso de uma mesma transformação morfológica. As transformações requeridas neste trabalho se relacionam a morfologia derivacional. Assim, o participante deve seguir um prover de a correspondência de que “A” está para “B” assim como “C” está para “D”.

### **3. 2 EXPERIMENTO ON – LINE DE TAREFA DE ANALOGIA DE PALAVRAS (CF. JUSTI, 2009)**

Adaptação Experimental de Justi (2009)

#### **Design Experimental**

##### **a) Variável Independente (Controlada) – Tipo de Analogia**

A variável independente é dividida em três condições experimentais: gramaticais, semi-gramaticais e agramaticais.

A primeira condição experimental apresentada foi a gramatical. Seu objetivo era fazer o leitor relacionar pares de palavras gramaticais (como por exemplo “vida” e “viver”, “passeio” e “passear”). Não existe uma relação morfofonológica entre as palavras mencionadas (uma relação expressa entre a estrutura morfológica ou fonológica das palavras apresentadas). Entretanto elas expressam adequação dentro dos parâmetros gramaticais normativos da língua brasileira.

A segunda condição experimental, a semi-gramatical, relacionava palavras gramaticais e agramaticais. Apresentava-se um primeiro par de termos com uma relação de gramaticalidade (“estudar” e “estudante”, por exemplo) e um segundo par de palavras com uma relação mista, contendo palavras gramaticais e uma derivação agramatical (“morar” e a derivação “morante”, a título de exemplo). A palavra “morante”, neste caso, era uma das palavras críticas da Tarefa de Analogia. Embora a palavra “morante” seja agramatical, ela segue padrões linguísticos em sua formação. Ele, o vocábulo “morante”, é capaz de indicar a existência de uma Competência Morfológica do leitor.

Por fim, a terceira condição experimental era a agramatical. Esta buscava mostrar relações entre um par de palavras gramaticais como “feliz” e “felicidade” e um segundo par de palavras, como “livro” (palavra base) e na derivação “livridade” (palavra

derivada agramatical). A palavra “livridade” foi, neste caso, demarcada como palavra crítica na Tarefa de Analogia de Palavras, pois além de ser agramatical não seguia nenhum princípio linguístico.

#### **b) Variável Dependente**

- Tempo de leitura da palavra crítica;
- Julgamento do leitor sobre a relação morfológica entre as palavras.

#### **c) Sujeitos**

A amostra foi constituída por 32 participantes, adultos, monolíngues e falantes de português brasileiro. Estes são estudantes universitários.

A pesquisa foi devidamente autorizada por assinatura do **Termo de Consentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE 1)**. Foi requerido que aos participantes da pesquisa que antes do início da aplicação *Etapa Treino* o documento do APÊNDICE 1 fosse assinado.

A idade destes alunos vai de dezoito até cinquenta e oito anos, formando uma média aritmética igual a 28,7. Desse total de participantes, vinte e dois são do sexo feminino (68,75%) e dez são do sexo masculino (31,25%).

#### **d) Estímulos**

##### **• Etapa treino**

A etapa treino foi composta por oito pares de palavras. Estas não seguiam uma ordem entre gramaticalidade, agramaticalidade ou semi-gramaticalidade. Elas tinham o intuito de tornar compreensível a atividade que seria proposta ao participante em questão na Etapa Teste. Para exemplos de palavras usadas nesta etapa, ver **ANEXO A** – Itens treino da tarefa de Analogia de Palavras.

##### **• Etapa teste**

Os estímulos são compostos por seis conjuntos em cada uma das três condições experimentais. Na condição experimental das palavras gramaticais cada conjunto é composto por quatro palavras. Pode-se afirmar que o mesmo acontece nas condições experimentais semi-gramaticais e agramaticais. Nas três condições experimentais são somadas setenta e duas palavras. Sendo um total de dezoito conjuntos de palavras.

São apresentadas doze palavras críticas e elas são apresentadas apenas nas condições experimentais semi-gramaticais e agramaticais. Elas apresentam o mesmo tamanho em sílabas e letras, isto é, para que não haja alterações dentro dos tempos de leitura. Para exemplos de

palavras usadas nesta etapa, ver **ANEXO B**– Itens experimentais da tarefa de Analogia de Palavras (CF. JUSTI, 2009).

### e) Procedimento

O experimento foi realizado no Laboratório de Processamento Linguístico (LAPROL)<sup>2</sup>. O ambiente foi organizado visando a redução de interferência acústicas exteriores, propiciando ao participante do experimento um contexto de máxima concentração. Os voluntários que formaram a amostra foram chamados contingentemente pelos corredores da UFPB.

Para a efetivação da tarefa, o notebook utilizado foi o da marca HP ProBook 440 G3, 14 polegadas, HD de 128GB com processador Intel. Antes da realização do experimento, foi requerido dos discentes a assinatura do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 1)** e informações sobre suas idades e seu nível de graduação.

Na fase experimental, o participante sentava-se em uma cadeira de frente ao notebook. O *Paradigm Player* era aberto pelo pesquisador, que selecionava a função “Tarefa de Analogia de Palavras”. Ato contínuo, o nome do colaborador era associado a um número ordinal a fim de identificação em fase posterior. Os números seguiam ordem crescente e não repetida.

Posteriormente, o participante era informado pela tela do computador que assim que fosse finalizada a leitura das instruções, ele deveria apertar a tecla “espaço” uma única vez para dar prosseguimento à tarefa. Também era instruído a apertar, após já haver pressionado a tecla “espaço”, a tecla marcada com a seta para a direita toda vez que desejasse ver uma nova palavra (**FIGURA 1**).

### **FIGURA 1. PRIMEIRA PALAVRA APRESENTADA APÓS APERTAR A SETA PARA DIREITA**



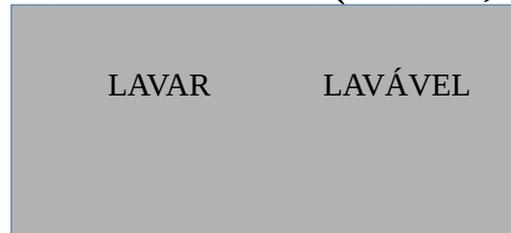
Fonte: *Paradigm Player (Teste de Analogia de Palavras)*, 2018

Ao pressionar a seta para a direita, uma primeira palavra aparecia (**FIGURA 1**). Então

<sup>2</sup><<http://www.cchla.ufpb.br/laprol/language/pt/>>

o pesquisador informava-lhe que apareceriam dois pares de palavras e que para cada palavra que surgisse seria necessário teclar novamente na seta para direita (**FIGURA 2**).

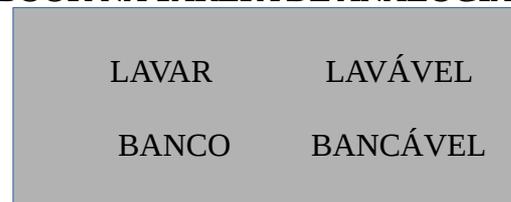
**FIGURA 2. EXEMPLO DO PRIMEIRO PAR DE PALAVRAS DA TAREFA DE ANALOGIA DE PALAVRAS (CF.JUSTI, 2009)**



Fonte: *Paradigm Player (Teste de Analogia de Palavras)*, 2018

Após serem apresentados os dois pares de palavras (**FIGURA 3**), o pesquisador indicava que a tarefa do participante era relacionar as palavras expostas da maneira que achasse coerente e que ele poderia desistir a qualquer tempo.

**FIGURA 3. EXEMPLO DE DOIS PARES DE PALAVRAS QUE APARECERAM NA TELA DO NOTEBOOK NA TAREFA DE ANALOGIA DE PALAVRAS**



Fonte: *Paradigm Player (Teste de Analogia de Palavras)*, 2018

Em seguida apareciam dois quadriláteros com cores distintas. Isto é, a esquerda um quadrilátero verde e a direita um quadrilátero vermelho (**FIGURA 4**). Ambos dispostos linearmente na tela do notebook. O intuito era fazer com que o participante associasse o que estava escrito em cada um dos quadriláteros da tela ao que estava disposto no teclado. Durante a fase teste os alunos foram informados que o vermelho não necessariamente corresponderia a uma relação *incorreta* e que o verde também não expressava *correto* em todas as ocasiões.

**FIGURA 4. OPÇÕES APRESENTADAS AO PARTICIPANTE APÓS A VISUALIZAÇÃO DOS DOIS PARES DE PALAVRAS**



Fonte: *Elaboração Própria*

No teclado, além do adesivo para demarcar a seta para a direita, marcamos também a

tecla “s” e a tecla “l” com adesivos nas cores vermelho e verde, respectivamente (FIGURA 5).

**FIGURA 5. POSICIONAMENTO DOS ADESIVOS NO TECLADO REFERENTE AS OPÇÕES APRESENTADAS NA TELA DO NOTEBOOK**



Fonte: Elaboração Própria

Na etapa treino o aplicante tinha que mensurar a relação do primeiro par de palavras frente ao segundo par, associando as palavras conforme seu critério. Ao fim da **Etapa Treino** (as palavras utilizadas estão no **ANEXO A**) os participantes foram inteirados de que o pesquisador poderia dar qualquer esclarecimento para a tarefa que tinha sido solicitada.

Passado o período esclarecimento das dúvidas, o participante teclava “espaço” mais uma vez e começava a **Etapa Teste (ANEXO B)**.

Foi devidamente informado aos sujeitos que as mesmas instruções da **Etapa Treino** eram aplicáveis a **Etapa Teste**.

Na Etapa Teste foram apresentadas setenta e duas palavras em três condições distintas (gramatical, semi-gramatical e agramatical).

O objetivo do Treino era mensurar: tempo de leitura, tempo de resposta e o julgamento dos sujeitos frente as palavras críticas. As palavras críticas estão demarcadas no **ANEXO B** na margem inferior nas condições semi-gramaticais e agramaticais, para uma melhor visualização foram postas em vermelho no **ANEXO**.

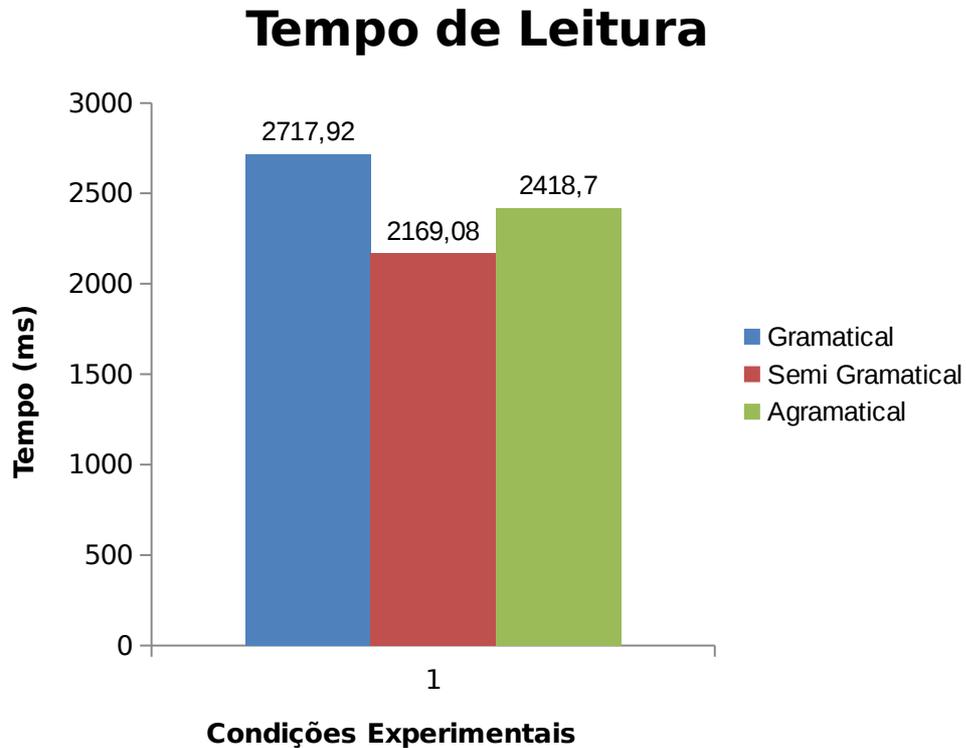
São da condição Semi-Gramatical: morante, ajudador, trabalhante, elegeção, chegador e humanidade. São da condição Agramatical: bancável, livridade, pernosso, morredor, sogreiro e entregante.

### 3. 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O principal objetivo deste estudo foi avaliar a contribuição da consciência morfológica e o papel da competência morfológica dentro do processamento da leitura no português brasileiro. Os resultados do experimento apontam para uma separação entre a competência morfológica e consciência morfológica. Elas são apresentadas de formas bem distintas dentro dos resultados obtidos.

Em um primeiro momento foi possível fazer esta afirmação diante do **GRÁFICO 1** que apresenta os tempos de leitura nas três condições experimentais e que explicita que uma das condições tem um tempo de leitura maior que as outras duas condições experimentais mensuradas no experimento.

**GRÁFICO 1.**



Fonte: Elaboração Própria

Os resultados de um teste de Análise de Variância (ANOVA) (**TABELA 9**) mostraram um efeito principal de condição. O efeito significativo do P-valor aponta para a existência de uma diferença entre as três variáveis.

**TABELA 9. ANOVA COM EFEITO ALEATÓRIO**

<i>ANOVA com efeito aleatório - Modelo Restrito (Sigma &gt; 0)</i>				
<i>Fatores</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>X-squared</i>	<i>GL</i>	<i>P-valor</i>
Condições	246,24	4,795006	1	<b>0,02854235</b>
Resíduos	1635,73			

Fonte: Elaboração Própria

Uma análise da **TABELA 10** que descreve o Agrupamento de Scott-Knott revelou que as palavras gramaticais são discrepantes em tempo de leitura frente as palavras agramaticais e semi-gramaticais. As palavras gramaticais gastam um maior tempo para serem processadas. Entretanto, palavras semi-gramaticais e agramaticais efetivam seu processamento em uma

quantidade de tempo menor.

**TABELA 10. AGRUPAMENTO (ALGORITMO DE SCOTT-KNOTT)**

<i>Agrupamento (Algoritmo de Scott-Knott)</i>				
<i>Grupos</i>	<i>Média</i>	<i>Scott-Knott</i>	<i>Média + Erro Padrão</i>	<i>Média - Erro Padrão</i>
Gramatical	2717,916	a	2567,865	2867,966
Agramatical	2418,699	b	2304,127	2533,272
Semi-Gramatical	2169,081	b	2072,553	2265,609

Fonte: Elaboração Própria

As condições gramaticais nas análises da **TABELA 10** apresentaram um tempo maior de leitura do que as palavras agramaticais e semi-gramaticais.

Uma diferença significativa entre os tempos de leitura das condições experimentais gramatical e semi-gramatical, bem como entre a gramatical e agramatical sugere um custo de tempo de processamento menor para as últimas, em relação às primeiras.

O resultado é um tanto surpreendente, pois esperava-se que a condição gramatical apresentasse tempos menores, em função de sua própria gramaticalidade.

Uma possível explicação para o resultado obtido pode ser a proximidade fônica. A semelhança fônica e a transparência das estruturas internas das palavras podem vir a reduzir significativamente o tempo de leitura e crescer por consequência acertos.

Foi possível investigar também que as palavras agramaticais e semi-gramaticais são muito mais análogas fônica e morfologicamente do que as palavras gramaticais no teste de Analogia de Palavras. Isto porque, as palavras gramaticais apresentam ao leitor diferenças fônicas maiores suas relações são, portanto, menos evidentes e mais susceptíveis a erros. O que por consequência acaba por se espelhar nos tempos de leitura como mais lentos.

As relações agramaticais e semi-gramaticais são menos susceptíveis a erros pela transparência morfofonológica dos pares de palavras apresentadas. Existe uma facilitação para o leitor existem mais acertos pela transparência explicitada. Em resumo o leitor não considera a existência ou inexistência da palavra dentro da gramática, mas a relação com o par de palavras que foi apresentado anteriormente.

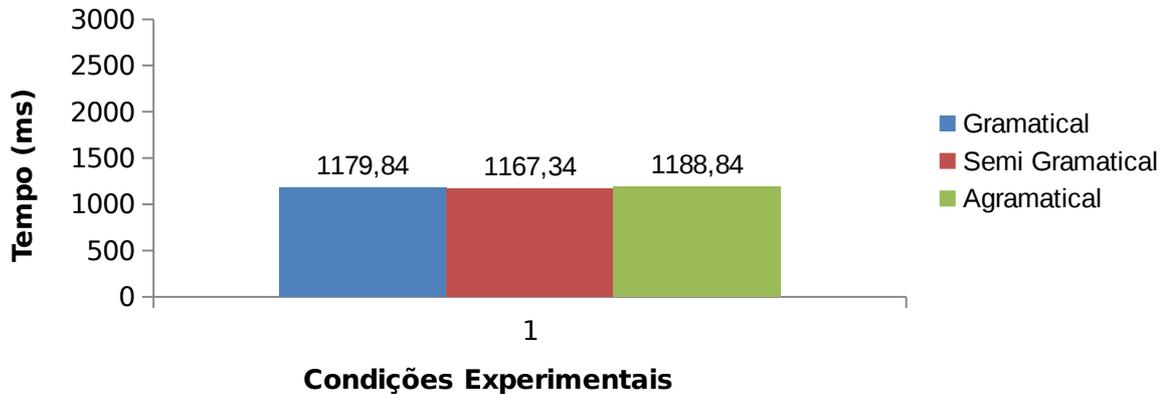
O **GRÁFICO 2** é referente ao tempo de resposta dos sujeitos frente a amostra de palavras nas diferentes condições experimentais. Através da análise dos resultados foi perceptível um julgamento rápido por parte dos participantes.

A resposta não foi somente rápida nas três condições, mas equivalente. Não há, portanto, como afirmar que o leitor leva mais tempo na resposta de qualquer uma das três

condições experimentais apresentadas.

**GRÁFICO 2.**

## Tempo de Resposta



Fonte: Elaboração Própria

Esse teste de Analogias de Palavras (CF. JUSTI, 2009) se limita a aspectos de cunho relacional e não busca apresentar a existência ou não de gramaticalidade. Para que os resultados tivessem maior êxito seria necessário utilizar de metodologias que buscassem a gramaticalidade ou agramaticalidade das palavras, isto porque os testes de analogia de palavras buscam apenas aspectos relacionais. O teste que avalia a consciência morfológica, portanto, não avalia a competência morfológica.

O **GRÁFICO 3** é referente ao julgamento dos dados obtidos no experimento realizado. O estimado era que nas condições gramaticais houvessem mais respostas “sim” e por consequência uma minoria de respostas “não”, salientando que o mesmo foi estimado para as condições semi-gramaticais. Elas apresentaram o resultado oposto do que foi levantado como hipótese do trabalho aqui realizado.

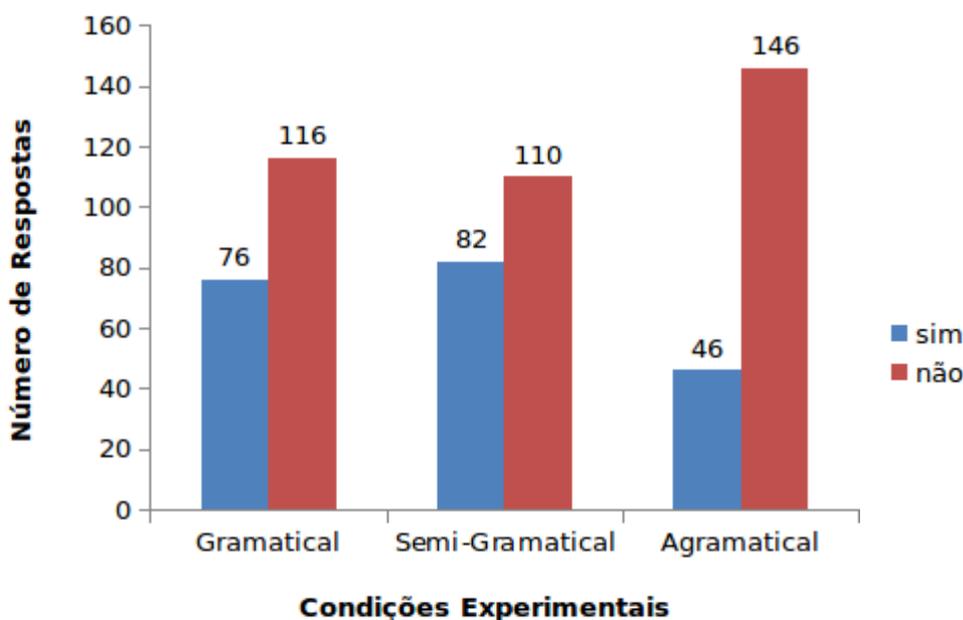
Entretanto, o esperado era que houvessem mais respostas “não” para a condição agramatical, resultado este que de fato foi obtido. O que levou a estes resultados, pode, provavelmente, ter sido a percepção das estruturas morfológicas como estruturas complexas e de difícil compreensão. Em suma, apesar do número significativo de acertos, o alto índice de erros se deve a complexidade das estruturas morfológicas e da opacidade estrutural das palavras gramaticais e semi-gramaticais. Isto porque é difícil ter percepção sobre as relações morfológicas e suas respectivas estruturas. Apontando, assim, para a necessidade do ensino da leitura sobre palavras que tenham este tipo de formação, para que o processamento e a compreensão da leitura sejam para o leitor de fato produtivas e significativas.

Os resultados apresentam que frente a palavras morfológicamente complexas, o tempo de leitura é maior e que a percepção da relação estrutural cai diante da retirada das

transparências morfofonológicas, o que por consequência consiste em um acréscimo significativo de erros e do tempo gasto na leitura destas palavras.

Assim, no que se refere aos julgamentos sobre a relação morfológica, os resultados mostraram que as palavras gramaticais apresentam sua relação menos visível e durante o experimento notou-se que elas apresentam uma maior quantidade de erros durante o processo de leitura, em relação às demais condições experimentais (**GRÁFICO 3**)

**GRÁFICO 3. JULGAMENTOS**



Fonte: Elaboração Própria

As condições agramaticais, portanto, podem ser lidas rapidamente. Elas apresentam muito mais respostas “não” do que respostas “sim”, caso comparadas as outras duas condições investigadas.

O leitor tende a ler rápido, porém ele consegue indicar a agramaticidade existente nas palavras. O leitor tem a habilidade perceptiva entre divergências que existem frente as palavras e compreende que apesar das semelhanças fônicas, a morfologia foi anulada significativamente.

O leitor tende a perceber a inexistência da palavra e a sua competência morfológica acaba sendo dominante frente a atuação da consciência morfológica. A mensuração da consciência morfológica neste tipo de experimento tornaria possível ver uma existência de relação entre as palavras, ignorando a gramaticidade ou agramaticidade das palavras. A percepção das analogias seria, portanto, um padrão que seria igualmente processado pelo leitor.

Diante das três condições, pode-se dizer que o leitor tende a perceber a gramaticalidade como a semi-gramaticalidade tanto quanto a agramaticalidade. Em suma, a competência morfológica é preponderante diante da consciência morfológica.

**TABELA 11. TESTE QUI-QUADRADO DE HOMOGENEIDADE**

Teste Qui-Quadrado	
Informações	Valores
Estatística $X^2$	16,94117647
Graus de Liberdade	2
P-Valor	0,000209542

Fonte: Elaboração Própria

As relações de julgamento das condições experimentais apresentam resultados que podem prover maiores evidências do que foi afirmado anteriormente. A dominância da competência morfológica frente a consciência morfológica. O resultado se apresenta de forma significativa e expressam que de fato ao menos uma das condições experimentais difere.

A primeira análise pode ser feita entre as condições gramaticais e agramaticais. Elas apresentam pouca diferença nos resultados obtidos, isto é, a diferença entre elas não se expressa de modo significativo. A relação entre elas é muito mais visível.

As condições agramaticais, no entanto, apresentam relações menos visíveis e destoam das condições gramaticais e semi-gramaticais em transparência morfofonológica. São muito mais susceptíveis a leituras mais rápidas pelas facilidades que apresentam nas suas construções estruturais.

**TABELA 12. TESTE QUI-QUADRADO DE PROPORÇÃO – DUAS AMOSTRAS – GRAMATICAL X SEMI-GRAMATICAL**

Resultados - Aproximação Normal	
Estatística Z	-0,6222059
P-valor	<b>0,5338065</b>
Proporção de Sucesso na Amostra 1	0,3958333
Proporção de Sucesso na Amostra 2	0,4270833
Hipótese Alternativa	Diferente de 0
Nível de Confiança	95%
Limite Inferior	-0,1296386
Limite Superior	0,06713865

Fonte: Elaboração Própria

Comparando os resultados da **TABELA 12** nota-se que o processamento das leituras das palavras gramaticais e semi-gramaticais não aponta diferenças significativas. O que pode ser expresso através do *P-valor* 0, 5338065.

Entretanto, quando a comparação é feita frente as condições agramaticais o resultado se torna mais visível. A relação das palavras semi-gramaticais e agramaticais (**TABELA 14**) destoam frente ao que se apresenta nas condições gramaticais (**TABELA 12** e **TABELA 13**).

**TABELA 13. RESULTADOS – TESTE DE QUI-QUADRADO DE PROPORÇÃO – DUAS AMOSTRAS – GRAMATICAL X AGRAMATICAL**

<b>Resultados - Aproximação Normal</b>	
Estatística Z	3,288185
P-valor	<b>0,001008354</b>
Proporção de Sucesso na Amostra 1	0,3958333
Proporção de Sucesso na Amostra 2	0,2395833
Hipótese Alternativa	Diferente de 0
Nível de Confiança	95%
Limite Inferior	0,06443578
Limite Superior	0,2480642

Fonte: Elaboração Própria

**TABELA 14. RESULTADOS – TESTE DE QUI-QUADRADO DE PROPORÇÃO – DUAS AMOSTRAS – AGRAMATICAL X SEMI-GRAMATICAL**

<b>Resultados - Aproximação Normal</b>	
Estatística Z	-6,649911
P-valor	<b>2,93E-11</b>
Proporção de Sucesso na Amostra 1	0,4270833
Proporção de Sucesso na Amostra 2	0,7604167
Hipótese Alternativa	Diferente de 0
Nível de Confiança	95%
Limite Inferior	-0,4257485
Limite Superior	-0,2409181

Fonte: Elaboração Própria

O leitor, a um primeiro momento pode visualizar as palavras analogamente baseando-se na sua consciência morfológica, porém quando as palavras apresentadas violam a gramática da língua existe a atuação dominante da competência morfológica.

#### 4. CONCLUSÕES

O experimento utilizado neste trabalho de conclusão de curso buscou apresentar a influência da competência morfológica e da consciência morfológica através da leitura de palavras morfológicamente complexas derivadas do português brasileiro. No que se refere ao aprofundamento sobre as teorias que utilizam a consciência morfológica tentamos explorar as habilidades linguísticas, isto é, para aclarar as relações que são provenientes da competência morfológica não de modo subsequente, mas codependentes e igualmente influentes ao processamento da leitura.

Buscamos utilizar metodologias que possam ser exploradas em estudos futuros de forma mais controlada, para que haja maior reflexão sobre a percepção da competência morfológica dentro dos constructos experimentais.

Refinar aspectos metodológicos posteriormente é fundamental para obter resultados mais precisos. A mudança dos estímulos também teria grande valia e poderia trazer resultados mais específicos. Para que o objetivo seja devidamente alcançado haverá, por exemplo, uma maior restrição da categoria gramatical a ser tratada tal qual a frequência de uso das palavras utilizadas com o intuito de trazer ao estudo uma maior precisão.

O controle da frequência das palavras utilizadas seria para evidenciar os resultados e trazer maior clareza ao analisar os dados do experimento. Isto é, acrescer este controle ao teste de Analogia de Palavras Clássico possibilitaria uma leitura mais rápida e resultados mais precisos. Buscaríamos evitar a transparência fônica em um experimento futuro, isto é tal qual a nitidez das relações estruturais.

No experimento aqui realizado não foi acrescido a utilização da frequência de palavras e nem o controle da transparência fônica e estrutural. Isto porque o nosso intuito nesta pesquisa foi prover uma replicação do que Justi (2009) desenvolveu no seu trabalho.

Sobre as palavras que venham a compor os próximos experimentos buscaremos fazer uma medida dos vizinhos ortográficos em trigramas e bigramas para saber qual a influência do léxico mental do falante sobre a sua competência morfológica. Poderia também ser acrescido o uso de distratores no experimento. Isto é, os distratores refinariam o experimento de tal modo que levasse a resultados mais precisos porque não haveria indução ao leitor de subir o índice de acertos por facilidades e repetições.

Neste experimento, notou-se que a gramaticalidade das palavras não tem relação direta com as analogias. O sujeito pode julgar palavras como análogas morfológicamente usando sua consciência morfológica para licenciar o uso de palavras que não seria possível diante da sua competência morfológica. Em suma, elas vão a polos distintos no que se refere à

interpretação das palavras. Ter a habilidade de compreender a gramaticalidade difere da capacidade de perceber analogias. As relações de analogia são, portanto, captadas com maior facilidade que as relações gramaticais. A aplicação do teste de maneira serial seria de suma importância para comprovar tais afirmações. Cada grupo de participantes visualizaria uma variável. Para que uma condição não afetasse a outra.

Uma limitação evidente no nosso estudo ficou rente ao tamanho da amostra de sujeitos que participaram do experimento. Para a nossa finalidade inicial foi adequado para o desenvolvimento estatístico, porém podemos dizer que o número de participantes que fizeram parte desse estudo ficou próxima a linha da menor quantidade necessária. Assim sendo, acrescentar participantes a estudos futuros para dilatar o tamanho da amostra seria de suma importância, isto é, fazendo uso de outras medidas com estes mesmos sujeitos que permeasse a consciência morfológica e a competência morfológica. Em suma, seria de bom uso isolar as categorias utilizadas e acrescentar a cada uma delas distratores.

Deste modo, seria interessante acrescentar que as mesmas questões preditas neste estudo também fossem, por exemplo, aplicadas aos alunos de Ensino Médio nas redes públicas e particulares, assim como em estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Isso possibilitaria, por exemplo, visualizar o efeito da leitura sob a influência da consciência morfológica e da competência morfológica em diferentes âmbitos educacionais.

Por fim, buscaríamos, com estes sujeitos, prover experimentos que utilizassem não somente de palavras isoladas, mas também de frases e pequenos parágrafos. Isto é, utilizaremos de frases e parágrafos do mesmo tamanho, em alguma dimensão. Utilizando destas para mostrar as mesmas palavras que são utilizadas em isolamento em contextos possíveis. Isto é, apresentar as habilidades linguísticas como responsáveis por acrescentar ou reduzir os tempos de leitura.

Buscaremos apresentar evidências de que existe uma possibilidade que a consciência morfológica e a competência morfológica além de dependentes, são eminentemente capazes de tornar o leitor apto a interpretar palavras de forma mais complexa diante dos processos produtivos em contextos, ainda que estes venham a ser simulados.

## 5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luísa Cerqueira. (2015). *À descoberta de palavras: desenvolver questões morfológicas em crianças com 5 anos*. Tese de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

ARONOFF, M. *Word Formation in Gerative Grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1976.

ARRANHADO, M. (2010). *O Impacto do ensino de estratégias ou morfológicas ou fonológicas na escrita de morfemas homófonos: um estudo de intervenção*. Tese de Mestrado em Ensino Especial. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

BARRERA, L. (2003). *Consciência metalinguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 491-502.

BARON, J., & STRAWSON, C. (1976) Use of orthographic and word-specific knowledge in reading words aloud. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, 4, 207 – 214.

BAUER, L. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BRENTON, N., BESSE, A., & ROYER, C. (2010) La conscience morphologique est-elle une variable importante dans l' apprentissage de la lecture? *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 38, Editora UFPR, p. 73 – 91.

BERKO, J. (1958). The child's learning of English morphology, *Word*, 14, 150-177.

BRYANT, P., & BRADLEY, L. (1987). *Problemas de leitura na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

CORREA, J. (2004). A avaliação da consciência sintática na criança: uma análise metodológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (1), 69-75.

CARLISLE, J. (1988). *Knowledge of derivational morphology and spelling ability in fourth, sixth, and eighth graders*. *Applied Psycholinguistics*, 9, 247-266.

CARLISLE, J., & Nomanbhoy, D. (1993). Phonological and morphological awareness in first graders. *APPLIED PSYCHOLINGUISTICS*, 177-195.

- CARLISLE, J. Awareness of the structure and meaning of morphologically complex words: impact on reading. *Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal* , v. 12, p. 169-190, 2000.
- CARLISLE, J. F. Morphological awareness and early reading achievement. In: FELDMAN, L. B. (Ed.). *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, p. 189-209, 1995.
- CARLISLE, J. F. Morphology matters in learning to read: A commentary. *Reading Psychology*, v. 24, p. 373-404, 2003.
- CARLISLE, J.F.; FLEMING, J. Lexical processing of morphologically complex words in elementary years. *Scientific Studies of Reading*, v. 7, n. 3, p. 239-253, 2003.
- CHOMSKY, N. (1970) "Remarks on nominalization". In: R. Jacobs & P. Rosenbaum(orgs.) Readings I English Transformational Grammar. Waltham, Mass.: Ginn.
- COLTHEART, M. (1980). Reading phonological recoding and deep dyslexia. In M. Coltheart, K. Patterson, & J. C. Marshall (Eds.), *Deep dyslexia* (p. 197-226). London: Routledge & Kegan Paul.
- CORREA, J. (2005). A avaliação da consciência morfossintática na criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 91-97.
- DEACON, S. & KIRBY, J. (2004). Morphological Awareness: Just "more phonological"? The roles of morphological and phonological awareness in reading development. *Applied Psycholinguistics*, 25 , 223–238.
- GOMBERT, J. (1992). *Metalinguistic Development*. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf.
- GOMBERT, J. (2003). Atividades metalinguísticas e aquisição da leitura. In Maluf (org). *Metalinguagem e Aquisição da escrita*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- HAGEN, V., MIRANDA, L., & MOTA, M. (2010). Consciência morfológica: um panorama de produção científica em línguas alfabéticas. *Psicologia: Teoria e Prática* , 135-148.
- JUSTI, Cláudia Nascimento Guaraldo (2009). *A contribuição do processamento fonológico, da consciência morfológica e dos processos subjacentes à nomeação seriada rápida para a leitura e a escrita no português brasileiro*. 2009. 227 f. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- LEITÃO, M. M. Processamento Anafórico. In: MAIA, M. (Orgs.). *Psicolinguística*,

*psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. *A construção de palavras e a arquitetura da faculdade da linguagem*. Brasília, 2010.

MOTA, M., & SILVA, K. (2007). Consciência morfológica e desenvolvimento ortográfico: Um estudo exploratório. *Psicologia em Pesquisa*, 1, 86-92.

MOTA, M. M. P. E. Considerações sobre o papel da consciência morfológica nas dificuldades de leitura e escrita: uma revisão da literatura. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 2, p. 347-355, 2008.

MOTA, M. Introdução – Desenvolvimento metalinguístico. In: MOTA, M. (Org.). *Desenvolvimento metalinguístico: questões contemporâneas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 9-18.

MOTA, M. M. P. E.; ANIBAL, L.; LIMA, S. A Morfologia Derivacional Contribui para a Leitura e Escrita no Português? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 21, n.2, p. 311-318, 2008.

NAGY, W., BERNINGER, V. & ABBOT, R. (2006). Contributions of morphology beyond phonology to literacy outcome of upper elementary and middle-school students. *Journal of Educacion Psychology*, 98(1), 134-147.

NUNES, T., BRYANT, P., & BINDMAN, M. (1997). Morphological spelling strategies: developmental stages and processes. *Developmental Psychology*, 33(4), 637-649.

PIRES, F. (2010). *O impacto do ensino de estratégias morfológicas no desenvolvimento da escrita: um estudo de intervenção*. Tese de Mestrado em Ensino Especial. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.

ROCHA, L. (2008) *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

ROSA, J. (2004). *Morphological awareness and the Spelling of Homophone Forms in European Portuguese*. ELLUG.

RISPENS, J., MCBRIDE-CHANG, C., & REITSMA, P. (2008). Morphological awareness and early and advanced word recognition and spelling in Dutch. *Reading and Writing*, 21, 587-607.

SCALISE, S. *Gerative morphology*. Dordrecht: Foris, 1984.

- SEIXAS, M. (2007). *O Desenvolvimento da Consciência Morfológica em Crianças de 5 anos*.
- SILVA, A., & RIBEIRO, V. (2011). Erros ortográficos e competências metalinguísticas. *Análise Psicológica*, 391-401.
- SIM-SIM, I. (1998). *DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM*. Universidade Aberta.
- SIM-SIM, I., DUARTE, I., & FERRAZ, M. (1997). *A LÍNGUA MATERNA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa : Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- SIM-SIM, I., Silva, A., & NUNES, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: textos de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- SNOWLING, M., & HULME, C. (2005). *The science of reading: a handbook*. Oxford: Blackwell.
- SNOWLING, Margaret. J.; HULME, Charles (Org.) *A ciência da leitura*. 1ªed. Porto Alegre: Penso, 2014, 678p.
- VIANA, F. &. (2014). *Falar, ler e escrever. Propostas integradoras para jardim de infância*. SANTILLANA.
- VILLALVA, Alina. *Morfologia do Português*. Universidade Aberta, 2007.
- WAGNER, R., & TORGESEN, J. (1987). The nature of phonological processing and its causal role in the acquisition of reading skills. *Psychological Bulletin*, 101, 192-212.

**ANEXO**

**ANEXO A**– Itens treino da tarefa de Analogia de Palavras

Etapa treino:

Teatro – Teatral	Governo – Governal
Fundir – Fudição	Agredir – Agredição
Destruir – Destruição	Construir – Construção
Partir – Partido	Chorar – Chorado
Cantante – Cantar	Berrante – Berrar
Verdade – Inverdade	Amigo – Inamigo
Conter – Contenção	Latir – Latição
Pinto – PintinEho	Menino – Menininho

**ANEXO B**– Itens experimentais da tarefa de Analogia de Palavras (cf. Justi, 2009)

Etapa experimental:

<b>Gramatical</b>	<b>Semi – Gramatical</b>	<b>Agramatical</b>
VIDA VIVER PASSEIO PASSEAR	ESTUDAR ESTUDANTE MORAR <b>MORANTE</b>	LAVAR LAVÁVEL BANCO <b>BANCÁVEL</b>
FURADO FURAR ENCOBERTO ENCOBRIR	PINTAR PINTOR AJUDAR <b>AJUDADOR</b>	FELIZ FELICIDADE LIVRO <b>LIVRIDADE</b>
BELO BELEZA SINGELO SINGELEZA	ATUAR ATUANTE TRABALHAR <b>TRABALHANTE</b>	GOSTO GOSTOSO PERNA <b>PERNOSO</b>
OUVINTE OUVIR REPARADOR REPARAR	ARRUMAR ARRUMAÇÃO ELEGER <b>ELEGEÇÃO</b>	CRIAR CRIADOR MORRER <b>MORREDOR</b>
LIMPO LIMPAR CONFERIDO CONFERIR	CONTENTAR CONTENTE CHEGAR <b>CHEGADOR</b>	LEITE LEITEIRO SOGRO <b>SOGREIRO</b>
PERIGO PERIGOSO MEDO MEDROSO	IRMÃO IRMANDADE HUMANO <b>HUMANIDADE</b>	PENSAR PENSANTE ENTREGAR <b>ENTREGANTE</b>

## **APÊNDICE**

**APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS – DLCV  
LABORATÓRIO DE PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO – LAPROL  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
Baseado nas diretrizes da Resolução CNS N°466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa é sobre a relação da consciência morfológica e competência morfológica na leitura de palavras derivadas em português e está sendo desenvolvida por Karla Araújo Pinheiro, aluna do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof. Dr. José Ferrari Neto. O objetivo do estudo é investigar a competência morfológica e a consciência morfológica do leitor tendo como finalidade contribuir para o melhoramento de mecanismos que tornem a leitura mais consciente e precisa. Solicitamos a sua colaboração para a leitura das palavras aqui apresentadas, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo para fins científicos (divulgações em eventos e publicações). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Karla Araújo Pinheiro. E-mail: karlaapinheiro@gmail.com . Telefone: (083) 99939 – 2941 ou para o Comitê de Ética do CCM: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, sala 14 – Cidade Universitária, Campus I, Universidade Federal da Paraíba, CEP: 58051 – 900 – Bairro Castelo Branco – João Pessoa, PB Telefone: (83) 3216.7619 E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br